

Editorial



**Vida
Associativa**



**Destaques e
Notícias**



Recensões



**Publicações
Científicas**





Índice

Editorial

Vida Associativa

Sócios

Destaques e Notícias

Luís Grosso Correia eleito membro do Comité Executivo da ISCHE

Um projeto mítico de reforma global da educação portuguesa...

I Conferência Internacional Manuais Escolares: perspetivas históricas...

III SIPSE Conference | The historical-educational heritage as a source...

V Encontro Português de História da Educação

I Congresso Internacional de Educación: Viejos retos y nuevos debates y...

XI Jornadas Científicas de la Sociedad Española para el Estudio del Patrimonio...

Associação de História da Educação de Portugal – HISTEDUP: Um olhar sobre...

Raízes da Educação para o Futuro (REduF): das escolas Adões Bermudes à...

Notas finais sobre o projecto “Memórias Resgatadas, Identidades (Re)...

Coleção Memória Docente – Brasil e Portugal

Recensões

Na rota da educação: epistemologia, teoria, história

Memórias Resgatadas, identidades (re)construídas: experiências de...

Internato de São João de Lisboa - 160 anos (1862-2022)

Liber Amicorum: Homenaje al Profesor José María Hernández Díaz

Políticas para una Educación Inclusiva, Equitativa y de Calidad...

Ovide Decroly (1871-1932): Une approche atypique?

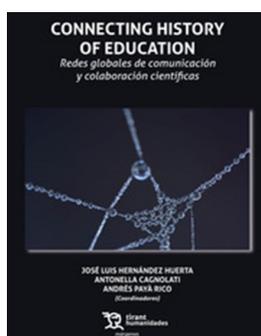
Le Bureau International d'Éducation, matrice de l'internationalisme éducatif...

Connecting History of Education. Redes globales de comunicación y...

A escola do meu coração...

Repressão estudantil e ação psicológica no final do Estado Novo...

Publicações Científicas



Hernández Huerta, J. L.; Cagnolati, A. & Payà Rico, A. (Coord.) (2022). *Connecting History of Education. Redes globales de comunicación y colaboración científicas*. Tirant Humanidades.

José António Afonso

O projeto que está na essência do presente livro, começou a germinar há mais de uma década. Resultados parciais foram apresentados em Congressos internacionais e artigos publicados em distintas Revistas, permitiram afinar o objeto de investigação, assim como o sentido do estudo, mas ainda calibrar o quadro teórico e conceptual e testar a metodologia e os métodos a acionar. Deste trajeto resultou uma publicação em 2015, *Connecting History of Education. Scientific Journals as International Tools for a Global World*, e o desenho de um Projeto mais ambicioso, que foi discutido, entre pares, em diferentes fóruns. A partir de 2019, desenvolve-se o Projeto *Connecting History of Education. Redes internacionales, producción científica y difusión global*, financiado pelo Ministério da Ciência e da Inovação do Governo de Espanha.

Connecting History of Education. Redes globales de comunicación y colaboración científicas é, precisamente, o retomar da publicação de 2015, com a inclusão de novos elementos e informação. O livro tem uma Apresentação, “Connecting History of Education. Ideas y hechos”(pp. 13-19), subscrita por José Luis Hernández Huerta, Antonella Cagnolati e



Andrés Payà Rico, seguindo-se o denso capítulo “Redes y espacios de comunicación y colaboración científica para la Historia de la Educación. Consideraciones globales y análisis del caso de España” (pp. 20-59), assinado por Andrés Payà Rico e José Luis Hernández Huerta; duas Partes compõem a Edição: uma primeira – “Revistas científicas de Historia de la Educación” (pp. 63-363) e uma segunda – “Sociedades y Asociaciones científicas de Historia de la Educación” (pp. 366-586), um Anexo – composto por dois itens: “Other Journals in History of Education” e “Other Scientific Societies of History of Education” (pp. 587-590) –, encerra o estudo. Sublinhe-se que as entradas das Revistas e das Sociedades e Associações são escritas por mais de 80 autores, com responsabilidades editoriais ou associativas, denotando a pluralidade de vozes, de gerações e de redes de sociabilidade ímpares que pautam os campos da História da Educação em distintos países tais como Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Croácia, Espanha, Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, México, Nova Zelândia, Portugal, Uruguai ou Venezuela.

Da Apresentação, salientam-se como objetivos do inquérito lançado: “*cartografiar globalmente los espacios de socialización, las redes de comunicación y la producción científica internacional en Historia de la Educación, analizar historiográficamente algunos de los retos educativos presentes y futuros, así como generar herramientas para la investigación y la difusión adaptadas a las exigencias y necesidades de la comunidad global de historiadores de la educación*”. (pp. 15-16). Com esta proposta, notamos que estamos perante uma investigação que pretende compreender como se articulam os diferentes campos nacionais da História da Educação, em tempos de viragem transnacional¹ e de uma intensa internacionalização da vida intelectual. É justamente este desafio que nos é proposto, tomando como analisadores as Revistas científicas de História da Educação e



as Sociedades ou Associações de Historiadores da Educação, numa dupla perspectiva: como espaço intelectual de circulação internacional dos saberes e como um elemento organizacional imprescindível para a criação de uma identidade intelectual, e profissional. Objetivamente os autores procuram ensaiar respostas e recensear tendências.

Para introduzir os potenciais leitores e leitoras no universo das Revistas e das Sociedades e Associações do campo internacional da História da Educação, avançamos com uma série de dados, retirados da informação que nos é fornecida no livro. Esta síntese não substitui uma leitura atenta, nem uma reflexão sobre a pertinência das análises que são elaboradas. Sobre estas dimensões já nos debruçaremos. A base empírica é constituída por 61 Revistas (das quais 30 foram tratadas na publicação) e por 33 Sociedades e Associações (das quais 20 analisadas).

Sobre as Revistas com informação, pode-se sinalizar que 10% apareceram entre 1960 e 1968; outras 10% viram o prelo entre 1972 e 1978; assim como entre 1982 e 1989 nasceram 10%; 23,4% surgiram entre 1994 e 1998; e, finalmente, entre 2000 e 2015 despontaram 46,6%. Destas 30 Revistas, 17 (56,7%) são editadas em 9 (50%) países da Europa; 9 (30%) em 6 (33,3%) países da América Central e do Sul; com 3 (10%) revistas surge a América do Norte com 2 (11,2%) países; e, por último, a Austrália (5,5%) com 1 (3,3%) Revista.

Para as Sociedades e Associações analisadas, pode-se observar que 15% nasceram entre 1971 e 1978; 20% surgiram entre 1980 e 1989 e 25% entre 1991 e 1999; e 40% constituíram-se entre 2001 e 2017. Destas 20 Sociedades e Associações 11 (55%) então sediadas em 6 (42,8%) países da Europa; com igual número de países (6) surge a América do Central e do Sul, mas com 7 (35%) Sociedades; com valores de 5%, correspondente a 1



Sociedade, surgem a América do Norte e a Austrália, ambas com 7,2%.

Incluindo as Revistas e Sociedades e Associações estudadas e as só referenciadas (ver no Anexo, pp. 587 *sq.*, os respetivos inventários) é possível estabelecer uma panorâmica geral, que não toma em consideração os respetivos anos de criação das organizações e das revistas.

Assim, sobre as 61 Revistas, temos que são editadas em 23 países, repartidas do seguinte modo: na Europa (57,4%) – 35 revistas em 13 países; na América Central e do Sul (27,8%) – 17 revistas em 7 países; na América do Norte (11,5%) – 7 revistas em 2 países; e na Austrália (3,5%) – 2 revistas. Com mais detalhe, nota-se que os países da Europa onde se concentram mais Revistas são a Grã-Bretanha (9), a Espanha (8), a Itália (4) e a Alemanha e a República Checa, ambas com 2. Para a América Central e do Sul temos o Brasil (9) e a Colômbia (2). Na América do Norte é nos EUA (5) e no Canadá (2).

Quanto às 33 Sociedades e Associações, verifica-se que estão sediadas em 22 países: na Europa (46%) – 15 organizações em 7 países; na América Central e do Sul (24%) – 8 organizações em 7 países; no Japão (12%) há 4 organizações; na América do Norte (9%) – 3 organizações em 2 países; e com 1 organização encontram-se a África do Sul (35), a Austrália (3%) e a China (3%). Com algum pormenor pode-se observar que os países da Europa com mais Sociedades e Associações são a Alemanha e a Espanha, com 3 organizações, e a França e a Itália, com 2. Na América Central e do Sul é o Brasil com 2. No Japão concentram-se 4 e nos EUA 2 organizações.

Sem avançar com qualquer interpretação destes dados, pode-se, porém, constatar, por um lado, que a Europa é um polo essencial do campo da História da Educação; e, por outro lado, a diversidade geográfica é uma realidade que subjaz à afirmação da História



da Educação.

Partindo desta deambulação retomemos o livro no capítulo “Redes y espacios de comunicación y colaboración científica para la Historia de la Educación. Consideraciones globales y análisis del caso de España”², onde nos são apresentadas as Revistas e as Sociedades, pelo punho dos próprios responsáveis, subordinadas, no caso das Revistas, a um guião (relativamente flexível) que trace a história da publicação e os desafios que o projeto enfrenta, para as Sociedades e Associações, método idêntico é seguido e introduz-se, nas palavras dos autores, uma “novidade” – *“entrevistas a los presidentes de las sociedades científicas sobre cuestiones relativas a: 1.las motivaciones que les llevaron a prestar un servicio a la comunidad de historiadores de la educación, 2.el papel que juegan en la discusión y la toma de decisiones colectiva las herramientas de comunicación interna y científica, 4.los proyectos y actividades que articulan la vida en común de la sociedad que representan, 5.el efecto de la ola de internacionalización en la vida de la sociedad científica y los retos de la historia de la educación em el ámbito docente”*(p. 17). No fim do texto de cada Revista e de cada Sociedade ou Associação incluem-se “Dados para Catalogação”.

Os autores partindo da premissa que *“ El área de conocimiento de la historia de la educación cuenta com una amplia red de investigadores que constituyen una sólida comunidad científica, con vías de comunicación y espacios de socialización académica de dimensiones globales”* (p. 20), constatam que há uma homologia em termos de interesse pela História da Educação, em sentido amplo, ainda que despontem aspetos mais específicos, quer nas Revistas, quer nas Sociedades, que vão desde a infância até ao património histórico educativo, passando pela Universidade ou o pensamento pedagógico (*cf.*, pp. 22 *sq.*).



Focalizando-se com algum detalhe nas Revistas, os autores inferem que há um paradoxo: enquanto a “área de conhecimento em História da Educação” vai “decaindo progressivamente” nos planos de estudo em “todos os lugares do mundo” o número de Revistas “multiplica-se” (pp. 29-30). Destacam também as diferenças entre as publicações, nomeadamente, em duas dimensões: nas abordagens – prevalecem as problemáticas com “especial sentido e significado para a comunidade científica da área geopolítica onde se editam” e um reduzido número de Revistas dedicadas aos “aspectos concretos da História da Educação” (p. 31) – e nos “modelos de gestão editorial” – que patenteiam a tendência para fórmulas (com várias matizes) de *open-access* e para a “pluralidade de línguas” (ainda que com o predomínio do inglês) (pp. 34-36).

Remontando o esboço de dinâmicas internacionais com a criação, ainda durante a década de setenta do século XX, do *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE) (pp. 22 *sq.*) e subsequentes iniciativas, a partir da década de 1990, entre Portugal e Brasil, o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), que teve a sua primeira edição em 1996, e, em 1992, o Congresso Ibero-americano de História da Educação Latino-americana (CIHELA) e Encontro Ibérico de História da Educação, no âmbito da Península Ibérica, observa-se que paulatinamente os “lugares de produção” se expandem de forma notável com respostas diversas às viragens linguística, interpretativa e digital, quer na escrita da história, quer no renovamento dos objetos de estudo, apesar de persistirem “ângulos mortos” ou inusitadas “afinidades eletivas”, exemplificada pelos incipientes estudos de História da Educação comparada (p. 39).

Finalizemos esta leitura reiterando as principais conclusões e alinhavando algumas linhas de reflexão.



Uma primeira conclusão, relaciona-se com o *“proceso de internacionalización de nuestras comunidades científicas de historia de la educación vinculado a la profesionalización de la gestión editorial y a los discursos de la calidad de la investigación”*, que reduz, segundo os autores, a realidade dos campos da História da Educação nacionais e expurga a história das singularidades de cada país (p. 54). Uma segunda conclusão, acentua os dilemas da *“internacionalización standart”* com as inevitáveis consequências de marginalizar pela incompatibilidade das comunidades científicas locais ou regionais não conseguirem compaginar os contextos com a internacionalização da investigação (pp. 54-55). Uma terceira conclusão, que partindo dos dados revelados, aponta para que *“los historiadores de la educación han investigado e investigan, fundamentalmente, y, ante todo, asuntos del país donde radican. Entonces, podemos hablar más bien de circulación global de investigadores y de artículos, que de internacionalización de las formas de pensar y hacer la historia de la educación”* (p. 55). Uma quarta conclusão, destaca que a cultura associativa assume vetores comuns como a comunicação, a cooperação, a colaboração e as decisões coletivamente partilhadas, em suma a vida democrática prevalece tanto nas sociedades científicas nacionais como nas de carácter internacional (pp. 55-56).

Quanto às pistas para reflexão podemos inventariar as seguintes questões (aliás, implicitamente sugeridas ao longo do livro)³: como se articulam as *“tradições nacionais”* e as *“categorias nacionais de pensamento”* num contexto transnacional (com mecanismos de circulação, globalização, transferências, cruzamentos e conexões)?; como se compaginam os efeitos estruturais de quadros institucionais e demográficos (bem contrastantes) com as trocas internacionais pautadas também por tradições históricas, epistemológicas e de categorias de pensamento distintas, em suma com problemáticas subjacentes



a sociedades com diferentes ritmos de modernidade, ou expresso de outro modo: re-composição do espaço intelectual e dos saberes (de que é paradigmática a “progressiva e já alarmante perda de espaço da História da Educação nos currículos”, como sublinham os autores) ?; é a língua um imaginário coral de uma hegemonia?

Provavelmente as questões poder-se-iam prolongar, mas estas já nos podem dar uma ideia da importância deste livro para a comunidade dos Historiadores da Educação de Portugal e, julgamos, que pode ainda contribuir para que se estabeleça um racional de comunicação que ultrapasse os usos instrumentais da internacionalização.

¹ Ver Johan Heilbron, Laurent Jeanpierre & Nicolas Guillot, “Vers une histoire transnationale des sciences sociales”, *Sociétés Contemporaines*, 73 (2009), pp. 121-145.

² Um dos momentos deste capítulo é o esboço de um estudo de caso sobre a realidade espanhola (pp. 41-54 e pp. 56-57, para as Conclusões), que não comentamos, mas que é bastante instigante no que se refere às conexões ou cruzamentos mais regionalizados.

³ Somos devedores das questões levantadas no importante dossiê “Regards sur l’histoire de l’éducation, une perspective internationale” organizado por Rita Hofstetter & Solenn Huitric para a revista *Histoire de l’éducation*, 154 (2020).